

Cidília Cristóvão

A terceira margem do rio:

o lugar da (minha) alma

histórias da travessia

A Casa Tombada

Faculdade Conectada – Faconnet

Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Lato Sensu O Livro Para a Infância: Textos, Imagens e
Materialidades

Adília Torres Cristóforo

A Terceira Margem do Rio: o lugar da (minha) alma

Histórias da travessia

São Paulo

2021

ADÍLIA TORRES CRISTÓFARO

A Terceira Margem do Rio: o lugar da (minha) alma

Histórias da travessia

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Faculdade Conectada – Faconnet

Orientadora:
Prof. Esp. Cristiane Rogério

São Paulo

2021

Agradecimentos

Agradeço À Casa Tombada pelo seu lindo e potente projeto de cultura e conhecimento, de escuta, partilha e afeto.

Deixo um agradecimento especial à Cristiane Rogerio, minha orientadora, pelo incentivo e disponibilidade de seu tempo a este relato.

Quero agradecer imensamente a cada integrante da turma 5 – nosso grupo - pela parceria, pelas contribuições, pelas verdadeiras experiências que vivemos juntas. E àquelas que se dispuseram a ler este relato.

E ao Samul, nosso grupo de Whatsapp criado para nos apoiarmos mutuamente no fazer do TCC e na vida.

Sou também grata a Tatiana Yukie, pela sua delicadeza e disponibilidade ao contribuir com seu talento e arte para a concretização do meu rio.

Gratidão a Amanda, minha filha, pela ajuda incansável e carinhosa nas diversas etapas deste trabalho.

“Onde se encontra a beleza? Nas grandes coisas que, como as outras, estão condenadas a morrer, ou nas pequenas que, sem nada pretender, sabem incrustar no instante uma preciosa pedrinha de infinito?”

Muriel Barbery (A Elegância do Ouriço)

RESUMO

Ao adotar o relato como forma de escrita neste meu trabalho “A Terceira Margem do Rio: o lugar da (minha) alma – Histórias da travessia”, trago experiências que ressoaram profundamente em mim e me marcaram. No presente trabalho, estas experiências, inspiradas na concepção de Jorge Larrosa, são narradas a partir da minha trajetória no curso da Pós-graduação O livro para a Infância e como contadora de histórias no Hospital Infantil Menino Jesus. Tais experiências, tanto no hospital como no curso, foram revestidas de emoção, sentido e propósito na minha travessia.

Palavras-chave: pedrinha de infinito; experiência; histórias; travessia; terceira margem

A Terceira Margem do Rio: o lugar da (minha) alma

Histórias da travessia

Quando fui para a entrevista inicial n'A Casa Tombada para entrar na pós O Livro para a Infância, em algum momento falei para a coordenadora do curso Cristiane Rogerio que buscava um lugar para minha alma. Fui admitida no processo seletivo e foi assim que encontrei muitos lugares para minha alma. Muitas pedrinhas de infinito. Várias terceiras margens.

Começando o curso, fui vivendo momentos que ressoaram profundamente em mim, descobrindo (tantos) livros e suas materialidades, um universo novo e cheio de possibilidades, atizando minha criatividade, experimentando sensações e sentimentos, provocando reflexões sem conta.

A pós foi como a travessia de um rio, que em seu trajeto vai se modificando pelo que encontra no seu curso, se transformando à medida que flui. Como fala Humberto Mariotti no prefácio do livro "A Árvore do Conhecimento", de Humberto Maturana e Francisco Varela:

"Mesmo que de imediato não percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que vemos e sentimos. [...] Do mesmo modo, as águas de um rio vão abrindo o seu trajeto por entre os acidentes e as irregularidades do terreno. Mas estes também ajudam a moldar o itinerário, pois nem a corrente nem a geografia das margens determinam isoladamente o curso fluvial: ele se estrutura de um modo interativo, o que nos revela como as coisas se determinam e se constroem umas às outras." (p. 10)

E foi em uma das aulas com Simone Paulino que lemos o conto A Terceira Margem do Rio, de Guimarães Rosa (anexo1). Este texto e sua proposta de escrita, mobilizada a partir da sua leitura, calaram fundo em mim. E me levaram a ver terceiras margens em rios... Não à toa decidi optar por este título para o meu trabalho.

“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escrita”, diz o filósofo Jorge Larrosa ao apresentar seu livro “Tremores-Escritos Sobre Experiência”. Por isso, decidi compor este trabalho com um relato das várias experiências ao longo destes dois anos nesta pós e na minha atividade como contadora de histórias em um hospital.

Tomo experiência na concepção tão impactante e especial de Jorge Larrosa, que me marcou definitivamente:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (LARROSA, 2019, p. 25)

Um acontecimento...que nos tombe, que nos toque, que nos faça sentir intensamente. Que ressoe, que mobilize reflexão, que seja paz e inquietude, e paixão. Que se faz independentemente da nossa vontade, com sua força delicada que revela nossa “fragilidade, vulnerabilidade, ignorância, impotência”. Mas que nos faz sentir vivos, plenamente vivos.

E que também nos transforme... um momento – pedrinha de infinito – ou no transcurso do tempo. Mesmo finita, provisória, subjetiva, exclusivamente pessoal, a experiência tem uma força que mobiliza, que inunda com sua luz e captamos, fugazmente, o infinito, o que faz sentido em nós. É a vida que “para”, que interrompe seu fluxo vertiginoso, para que possamos ser tocados por um acontecimento e, finalmente, fazer sentido (n)a nossa caminhada.

Os acontecimentos e as pessoas que fazem parte deste relato me tocaram, me alcançaram e penetraram em mim, e tornaram-se pedrinhas de infinito, terceiras margens do meu rio. O que me coube foi aceitar, segurar e agora, escrever.

vida vida morte vida morte

morte vida morte morte morte vida

travessia solidão encontro mergulho

Pedrinhas de infinito...

Hospital Menino Jesus...

Histórias...

Tornei-me contadora de histórias em 2011, ao ingressar na Associação Viva e Deixe Viver e comecei atuando na AACD. A Viva é uma OSCIP idealizada por Valdir Cimino, com mais de 22 anos de atuação em hospitais e que conta atualmente com mais de mil contadores de histórias que atuam em São Paulo e mais cinco estados.

Em 2015 comecei minha atuação no Hospital Municipal Menino Jesus, na Bela Vista, que desde 1960 atende crianças de zero a 17 anos e 11 meses, em todas as especialidades, e é referência em transplante hepático.

As crianças e adolescentes internados formavam um grupo heterogêneo no sentido do contato, gosto e familiaridade com a leitura e os livros. Alguns não tinham nenhum contato, outros só na escola, mas não tinham o hábito de ler; outros ainda diziam que não gostavam, e outros, embora não tivessem livros próximos, eram abertos a eles e curtiam as histórias. E poucos tinham família (pai e mãe, só um dos dois, avós, tios) que lia para eles e que amavam os livros. Mas a maioria aceitava largar o celular ou o desenho na televisão para ouvir uma história que podia se transformar em duas, três, quatro...

Muitos pacientes me marcaram como verdadeira experiência, pedrinha de infinito. Alguns se curaram e puderam voltar para suas casas. Outros, de quando em quando, reencontro; em sua maioria, são crianças e jovens que sofrem de anemia falciforme, doença com vários efeitos colaterais, que precisa ser acompanhada a vida toda. Alguns com problemas sérios no fígado, transplantados ou milagrosamente curados. E alguns tiveram uma vida breve e se foram depois de muito lutar.

*“Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.”¹*

Houve quem me marcasse especialmente. Sueli, 14 anos, amava ouvir histórias. Seus olhos cor de mel, lindos e doces, foram ficando cada vez mais amarelos conforme o estado do seu fígado se agravava. Suas histórias preferidas eram as da Bruxa Onilda, de E. Larreula e R. Capdevila e os Contos da Rua Brocá, de Pierre Gripari. Meus encontros com ela me davam prazer ao ver os olhos sempre interessados e curiosos, e seu rosto revelando as emoções de cada história. Na semana seguinte à minha última visita, soube que fora para a UTI e de lá não mais voltou. Pedrinha preciosa de infinito.

João Paulo, um garoto de 13 anos, havia sido transplantado de fígado, mas não foi suficiente: mesmo com a cirurgia, ele não sobreviveu. Foi minha primeira experiência de morte no hospital. Ele amava ouvir as histórias! E quando estava com dor ou indisposto, num primeiro momento recusava, mas sua mãe pedia para que lêssemos para ela e, aos poucos, ele se sentia melhor e acabava usufruindo o momento, acabando por se divertir. Sua mãe me marcou especialmente por sua coragem, delicadeza, otimismo, mesmo sabendo que seu filho estava com os dias contados. Preciosa pedrinha de infinito...

E houve também o Danilo, 12 anos, que reencontrei na UTI (já tinha contado histórias para ele no hospital), sedado, depois de duas paradas cardíacas. Sua mãe estava muito triste e, na minha última visita, perguntei se ela não queria ouvir uma história e ela disse generosamente que sim. Foi um momento mágico. Li “A Professora de Desenho”, um conto-crônica do Marcelo Coelho, que narra com delicadeza e poesia o sentimento de gostar de alguém.

¹CAEIRO, Alberto. *Se eu morrer novo. In: Poemas Inconjuntos*, 1915.

“É que às vezes, quando a gente gosta demais de uma pessoa, não dá certo. Dá uma bobeira na gente. A gente começa a gritar:

-Andréia! Andréia!”²

Senti que por um breve momento ela entrou na história e pôde ter um respiro no meio da dor. Chegamos a trocar impressões sobre o conto e ela falou também da sua angústia e impotência em relação à situação do filho. Fui embora com o gosto do seu abraço e agradecimento. Quando fui ao hospital na semana seguinte soube que seu filho tinha morrido.

Vida e morte, margens do rio...morte de um filho, terceira margem.

Como falei acima, há pacientes que sempre encontro, como a Mônica, que sofre de anemia falciforme. Todos seus irmãos têm essa doença e, às vezes, conto histórias para uma irmã menor dela que se chama Maravilha(!). Desde os 10 anos conto histórias para a Mônica, que já está com 14. Nestes reencontros todos, li quase tudo de que eu dispunha, e Mônica é uma ouvinte interessada nas minhas leituras. Por vezes a encontrei com dor, indisposta, mas mesmo assim pediu que eu lesse para ela. Menina falante e interessante, com um olhar vivo e inteligente, vivia as histórias contadas, se assustando, se emocionando, torcendo pelos personagens. Adorava ouvir “A bruxa do armário de limpeza”, um dos contos do livro *Contos da Rua Brocá*, de Pierre Gripari, que tem este refrão divertido:

“Bruxa vagabunda, cuide bem da sua bunda.”³

²COELHO, Marcelo. *A professora de desenho e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

³GRIPARI, Pierre. *A bruxa do armário de limpeza*. In: *Contos da Rua Brocá*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Uma verdadeira experiência estar junto dela!

Alguns acompanhei por um período e depois se curaram, como a Katilene, 15 anos, que ainda hoje permanece no meu coração. Ela estava com o fígado muito comprometido e já na fila do transplante, que por sorte não precisou ser feito porque ela finalmente reagiu ao tratamento. Foram mais de três meses de convívio, muitas e muitas histórias. Ela também era uma leitora assídua e emprestei livros a ela. No seu aniversário de 15 anos (ainda internada) dei a ela *O Pequeno Príncipe*, o clássico de Antoine de Saint-Exupéry, e a equipe do hospital os livros da coleção Harry Potter, de J.K. Rowling. Quando eu entrava no quarto seu rosto se iluminava, abria um sorriso e parava o que estava fazendo para ver o que eu trazia. Foram muitas preciosas pedrinhas de infinito e conhecê-la me marcou para sempre!

Também é inesquecível a pequena Maria Luisa, uma menina de 4 anos, que passou por um transplante de fígado e também se recuperou lindamente. Ela era da Bahia e veio se tratar no hospital de São Paulo. Amava ouvir histórias e participava com entusiasmo. Alegre e falante, me avistava ao longe e já pedia para que eu lhe contasse histórias. Gostava de muitas, mas as suas preferidas eram “Vai embora, grande monstro verde!”, de Ed Emberly, e “Quem tem medo de monstro”, da Ruth Rocha.

*“Era uma bruxa malvada
que assustava a criança
com seu horrível ruído...
Mas o que ninguém sabia
é que ela também sofria,
tinha medo de bandido!”⁴*

⁴ROCHA, Ruth. Ilustração Mariana Massarani. *Quem tem medo de monstro*. São Paulo: Global, 2006.

Maria Luisa também me marcou com sua alegria, seu carinho, seu interesse pelas histórias. Outra pedrinha de infinito!

O hospital tem uma área dedicada aos neuropatas, crianças em geral com síndromes severas, que desde o nascimento estavam lá. Atualmente a administração está desativando esse setor e encaminhando as crianças para suas famílias, dispondo esse espaço para internações. Uma menininha encantadora sempre me emocionava, a Mariane. Ela tinha uma síndrome complexa, mas conseguia falar um pouco e era muito carinhosa. Quando a conheci tinha quase 3 anos e amava ouvir histórias. Era um prazer estar com ela e quando eu não podia ir ao hospital, perguntava de mim e mandava beijos por uma colega contadora. Nossos momentos juntas eram mágicos e ela pedia sempre mais histórias. Pude estar com ela por mais de dois anos, quando ela retornou à sua casa. Foram muitas verdadeiras experiências, que me capturaram e me tocaram de uma forma definitiva. Soube que foi recebida com festa!

Nesta mesma área tinha outro fã de histórias, o Márcio, 12 anos. Ao contrário da maioria dos que estavam neste setor, ele era uma criança saudável até seus 10 anos. Depois de uma série de febres altas, com convulsões violentas, ficou neurologicamente comprometido e preso à cama. Não falava e apresentava tremores e espasmos constantes no corpo. Mas seu olhar se fixava em mim e, com o tempo, fui reconhecendo sinais de interesse e toda semana ia contar histórias para ele. Momentos preciosos, pedrinhas de infinito...

E havia a Malu, 5 anos, uma menina encantadora e vibrante, que amava histórias. Ela tinha uma doença séria nos rins que foi se agravando. Tive oportunidade de estar com ela todas as quintas-feiras por mais de dois meses. Devido a seus problemas de saúde, não frequentava a escola. Era muito sociável, falante e curiosa e aproveitava intensamente os momentos de contação! Quando a reencontrei, estava na UTI, e soube que teve uma parada cardíaca de 12 minutos. Já não era a mesma...sobreviveu, mas ficou seriamente comprometida. Terceira margem...

*“Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim?”⁵*

⁵ Chico Buarque de Holanda e Sivuca, João e Maria, 1977.

vida morte vida morte vida morte

morte vida morte vida morte vida morte

luto ausência experiência alma

Pedrinhas de infinito...

Pós n'A Casa Tombada...

Histórias...

O primeiro módulo do curso foi com **Susana Ventura** e pude retomar o encantamento e a universalidade dos contos de fada. E me surpreendi com a violência e a crueza dos contos originais!

Lendo alguns contos de fadas nas versões mais tradicionais, percebe-se o quanto foram “higienizados”, ao longo do tempo, de suas características mais universais, que os tornaram clássicos. Virtudes e defeitos humanos em qualquer parte do mundo – raiva, inveja, coragem, desejo, medo – foram suavizados nas versões que chegam, sobretudo a partir do século XIX, para as crianças.

Ainda assim, os clássicos, por seu caráter atemporal, auxiliam a criança a enfrentar medos e perigos inerentes do viver, a “resolver” simbolicamente conflitos (geralmente inconscientes), a descobrir seu lugar na família e no mundo. Ainda que as irmãs não fiquem cegas e mutiladas, elas não alcançam a felicidade que cabe a Cinderela. Ainda que João e Maria não sejam propositalmente abandonados na floresta, eles passam pelas aflições de estarem perdidos. Ou seja, os contratempos e desafios da vida permanecem. É justamente esta identificação que auxilia a criança a sair de seu lugar protegido (ou ameaçador) e enfrentar seu próprio universo, onde o medo tem seu lugar importante. Justamente por isso as versões dos contos têm que ser cuidadas, para não perderem o caráter universal deles.

Redescobrir os contos de fada à luz do imenso conhecimento da Susana e seu olhar por vezes sarcástico foi, para mim, um acontecimento. Tocou-me também a perenidade e universalidade das histórias. Um universo do qual eu estava distante e que me capturou, me tirou do lugar, me convidou a conhecer mais.

E foi esta identificação que ecoou em mim, reconheci as marcas, o que permanece em mim deste universo dos contos de fada...pedrinha de infinito.

As aulas com o **Odilon Moraes** me fizeram entrar num universo praticamente desconhecido para mim: o livro ilustrado. Cada aula era uma pedrinha de infinito!

A ilustração que foi, por muito tempo, considerada “coisa menor”, passa a ser protagonista neste tipo de produção e requer várias camadas de leitura, não um simples folhear, uma passada de olhos.

“Este tipo de livro escapa a qualquer tentativa de fixação de regras de funcionamento. Sua diversidade e flexibilidade não raro contrariam as tentativas de modelização de seus princípios e implicam uma constante atualização das certezas.”
(LINDEN, 2011, p. 157)

Capa, quarta capa, guarda e folha de guarda, folha de rosto, orelhas, lombada; formato, tipo de papel, os recursos plásticos, diagramação, a dobra, constituem a materialidade do livro ilustrado em especial e sua leitura, para ser mais abrangente e completa, deve considerar estes aspectos. Ritmo, pausa, movimento, códigos gráficos e icônicos, uso de imagens isoladas e/ou sequenciais, formam a expressão do tempo e do espaço. Perceber que o livro ilustrado é texto, imagem e design/materialidade (objeto, suporte, meio) para mim foi uma descoberta, ou melhor, um mundo a descobrir!

O coração do livro ilustrado é a sequência de imagens... conhecer “O Passeio”⁶, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo, foi uma terceira margem, um encantamento.



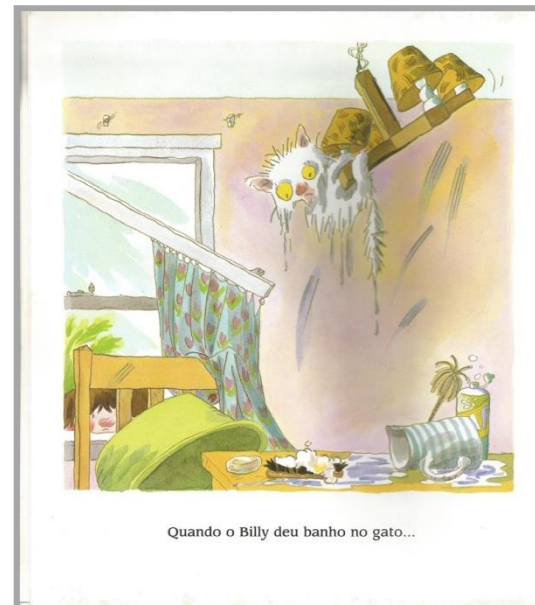
“Bárbaro”,⁷ de Renato Moriconi, me surpreendeu. Como uma história tão original pode ser contada por meio de imagens, sem uma única palavra!



⁶“O Passeio”, Gato Leitor: por meio de um passeio de bicicleta de um pai e sua filha, conta esta relação ao longo da vida -crescimento, cuidado, autonomia, perda, recomeço.

⁷“Bárbaro”, Companhia das Letrinhas: por meio de imagens, mostra as batalhas de um bárbaro, na imaginação de um menino no carrossel, mostrando o personagem ora no alto da página, ora embaixo.

“O Anjo da Guarda do Vovô”, de Jutta Bauer, “O Passeio de Rosinha”, de Pat Hutchins, “A Árvore Generosa”, de Shel Silverstein, “Onda”, de Suzy Lee, e inúmeros outros foram uma experiência. Enxergar e sentir a solidão da criança em “Onde Vivem os Monstros” e “Na Cozinha Noturna” (ambos de Maurice Sendak) me tocou. Ou a tristeza de uma grande perda, como em “O Coração e a Garrafa”, de Oliver Jeffers, me comoveu. Assim fui descobrindo que a imagem pode mostrar uma outra visão do texto. Pode mostrar o que o texto não mostra, como em “O Oscar Levou a Culpa”,⁸ de Tony Ross:



Os encontros com Odilon me tiraram do lugar que eu ocupava como leitora e fizeram o meu olhar crescer!

⁸“O Oscar Levou a Culpa”: Oscar e seu amigo invisível Billy fazendo travessuras. Oscar sempre joga a culpa no amigo que ninguém vê.

Ter aula com **Luiza Christov** é, por si só, uma experiência. Inspiradora, sabida e com sabedoria, atenta, humana, democrática, é uma professora e pessoa iluminada. Lembro-me especialmente de duas aulas em novembro de 2018 que me encheram de emoção, que me tombaram e ressoaram em mim profundamente.

Uma tratava do texto “O enigma da infância – ou o que vai do impossível ao verdadeiro”, de Jorge Larrosa. Já ao ler o texto, senti uma emoção inquieta... “*O nascimento de uma criança é um acontecimento (...)*”. E a conversa que constituiu a aula me remeteu ao nascimento da minha primeira filha. E que foi um acontecimento que me tomou por inteiro, uma emoção que não cabia nas 24 horas do dia. Um pequeno milagre...

“Mas, ao mesmo tempo, quando uma criança nasce, um outro aparece em nós. [...] É um outro porque sempre é outra coisa diferente do que podemos antecipar, porque sempre está além do que sabemos, ou do que queremos, ou do que esperamos. Desse ponto de vista, uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios. Não é o começo de um processo mais ou menos antecipável, mas uma origem absoluta, um verdadeiro início” (LARROSA, 2017, p. 234).

O que me inquietou (tantas coisas!) foi perguntar a mim mesma se tive o olhar de descobrimento para aquele nascimento. Se tive a revelação de um milagre no nascimento das minhas duas filhas, um mundo novo a ser descoberto, revelado. Penso que por um momento tive. Mas é um desafio... permanente, enorme e inspirador. Falei isso nesta aula e a Luiza disse que era a síntese perfeita, “nota 10!”, como ela sempre brinca!

Esta aula, a condução da Luiza, a escuta atenta e verdadeira dela me marcaram como pedrinha de infinito.

A outra aula dela que me marcou foi sobre um outro texto do mesmo Larrosa, “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, e que serviu de inspiração para este relato. Como falei no início, tomo, neste trabalho, experiência como o que nos acontece, que nos tombe, que nos marque, que ressoe. Lembro-me que durante a discussão deste texto uma emoção foi tomando conta de mim, como uma iluminação, como uma abertura de porta, que fez todo sentido. Um tombamento que me impactou fortemente. Ali estava o lugar da minha alma, a terceira margem do meu rio. Na minha carta à Luiza (solicitada por ela no final de 2018) falei da forte impressão deste texto e mencionei: *“É quase impossível também no ritmo acelerado em que vivemos, no automático, sem pausas e silêncios, nos darmos conta do que **nos** acontece e **nos** toca.”*

E me pus a pensar no que me acontece, no que me toca ao longo desta minha travessia...me senti inspirada.

As aulas com **Camila Feltre** me encantaram...pela delicadeza, pelo entusiasmo e conhecimento dos livros, pela disponibilidade de compartilhar seus tesouros.

Primeiramente me encantei pela poesia concreta e os livros e poemas apresentados por ela.

“A Poesia Concreta emergiu no Brasil próximo aos anos de 1950 e foi coordenada pelos irmãos Augusto de Campos e Haroldo de Campos, além de Décio Pignatari. O movimento foi fortemente influenciado pelas vanguardas europeias – ou Concretismo europeu – e propunha uma nova linguagem literária, trazendo aspectos visuais em vista de superar a ideia de verso enquanto unidade rítmica-formal”.⁹

⁹Disponível em: www.todoestudo.com.br/literatura/poesia-concreta. Acesso em: 15.12.2020.



Augusto de Campos — 1965

Exemplo de poesia concreta (Augusto de Campos, 1965)

Quanta criatividade e inteligência! A capacidade do autor de passar a mensagem, forma e conteúdo em unidade, me capturou, me encantou.

Seguindo os encontros, uma experiência que ficou gravada para sempre em mim foi a confecção de um pequeno livro, gestado a partir da aula em que foi solicitado a cada uma trazer materiais diversos (papéis, retalhos, canetinhas, tecidos, lãs etc.).

Entre os materiais que selecionei, tinha um livreto de uma peça que vi em 2000, “Na Bagunça do Teu Coração”, musical com texto de João Máximo e Luiz Fernando Vianna a partir de músicas do Chico Buarque.

Abrindo a minha caixa de materiais me deparei com este folheto e o título dele me remeteu para o meu coração e sua história (tive um tumor raro e benigno no coração, descoberto quando de um AVC, e precisei fazer uma cirurgia para sua retirada). Resolvi fazer meu livro sobre isso, num impulso, sem raciocinar muito.

Foi uma experiência intensa e libertadora o processo de construir este livro. Quantas emoções, memórias, quantos sentimentos guardados! Ao tentar expressar no papel minha história, usei os recursos de que dispunha no momento. Mas depois, revendo a

produção inicial, me lembrei das referências que se constituíram ao longo do curso: da poesia concreta (ao formar o coração com palavras), o formato, o uso das cores, a diagramação, os recursos ao meu alcance para não limitar a expressão (por exemplo, colagem), a opção por páginas soltas, indicando os intervalos. E alterei quase por completo aquele primeiro projeto.



E ainda mais marcante foi a apresentação deste trabalho para o grupo. Para mim, uma terceira margem, uma pedrinha de infinito. Desde o início deste encontro fui tomada por uma emoção ao ir conhecendo as produções das colegas e constatar como em cada uma delas tinha a marca da autora. A apresentação anterior à minha também falava de coração e a emoção tomou conta de mim. À medida que fui apresentando minha história pude sentir a empatia de todas e uma corrente se formou, de forma tangível, como se fosse um imenso abraço.

Não me dei conta, quando comecei a gestar meu livro, que ele seria apresentado, mas não poderia ter sido mais especial compartilhar a minha história com aquelas mulheres! E que bom ter tido a oportunidade de fazer isso...fiquei tocada e em paz.

Durante o curso tivemos dois encontros com **Giuliano Tierno**, mas um em especial se tornou terceira margem. Formamos um círculo e começou a conversa. O tema da aula era Mediação, Arte e Educação.

Consegui anotar pouca coisa ao longo da prosa; uma emoção foi tomando conta de mim e cada frase, cada palavra foi me atingindo e despertando uma tempestade de ideias, sentimentos, pensamentos.

Começou com uma citação do poeta romeno Paul Celan: *“nascemos todos poetas, depois vamos nos acovardando”*. Nascemos todos poetas!!! depois vamos nos acovardando...quando eu me acovardei, quando comecei a me acovardar? Onde está a poesia em mim?

A seguir, a concepção de mediação construída a partir do Giuliano e pelo grupo, *“estar junto na experiência da descoberta”*: *“se não te falta, não é; é se apaixonar; meio, descoberta; é conciliação; caminho e andarilhos; movimento”*...Cada palavra um mundo de ideias e sentimentos!

Continuou pela teoria da autopoiese, do biólogo chileno Humberto Maturana (em parceria com Francisco Varela). Autopoiese é a explicação do vivo:

“É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência”. (Magro & Paredes, in Maturana, 2001, p.13)

Esta noção ultrapassa o domínio da biologia...viver, seres vivos, eu vivo e sou um ser vivo, como todos aqui nesta aula, como todos no mundo. E num constante vir-a-ser... a própria condição humana.

O que vibra em mim? O que ecoa, ressoa? Onde eu decidi ficar, quais foram / são minhas escolhas? Giuliano foi jogando as perguntas e falou uma coisa que calou fundo em mim...a concepção de Eros e leveza, a alegria como recurso do viver. Deu uma angústia em mim e a expressei. A alegria em mim não é natural, tem que ser buscada firmemente a cada dia nos pequenos momentos do cotidiano, o que eu chamo de pequenas felicidades. Como diz Guimarães Rosa, *“felicidade se acha é em horinhas de descuido”*.

Como uma aula pode ser tão intensa e despertar tantas questões, sentimentos, emoções! Deu muito o que pensar, sentir...esta aula foi, para mim, transformadora. Terceira margem.

[...]

A vida é terra e vivê-la é lodo.

Tudo é maneira, diferença ou modo.

Em tudo que faças sê só tu,

*em tudo quanto faças sê tu todo.*¹⁰

A resenha afetiva solicitada pela **Cristiane Rogerio** foi, para mim, uma pedrinha de infinito. E se tornou um momento inesquecível quando eu pude também ler para a turma o conto/crônica “A Professora de Desenho”, de Marcelo Coelho, o mesmo que li tantas vezes no hospital e, em especial, para aquela mãe do menino na UTI.

Conheci este livro em 2008, quando fazia um curso de Artes para crianças até três anos, na Escola da Vila. É um livro que reúne lembranças de escola do autor quando menino. Ao iniciar o curso a professora leu justamente esta crônica que dá nome ao livro e me apaixonei na hora.

Esta pequena história chama minha atenção pelo conteúdo, mas especialmente, *pela forma como é escrita*. Por isso pedi à Cris permissão para que eu a lesse para o grupo. Foi mágico!

“ O berreiro foi ganhando um ritmo. Como se fosse torcida de futebol.

- AN-DRÉ-IA! AN-DRÉ-IA!

Parecia um jogador entrando em campo. Ou um cantor de rock.

- AN-DRÉ-IA! AN-DRÉ-IA!

*Ela começou ficando alegre com a zoeira. Deu um sorriso. O sorriso dela era lindo.*¹¹

O autor utiliza “Andréia” também para nomear este sentimento precioso que é gostar de alguém. De forma delicada e poética, vai fazendo as suas reflexões. Muito amor assusta as pessoas? Quando se gosta de alguém não se deve fazer escândalo?

¹⁰PESSOA, Fernando. *Não me digas mais nada*. In: Canções de Beber na Obra de Fernando Pessoa. Lisboa: Ed. Tiragem Ida, 1997.

¹¹COELHO, Marcelo. *A professora de desenho*. In: A professora de desenho e outras histórias. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

Ao ler pude sentir que a delicadeza do texto foi provocando uma onda de emoção em todas nós. E tenho certeza que a Andréia também ficou como uma pedrinha de infinito para a turma!

E Cris Rogerio, desde a entrevista inicial, se tornou para mim pedrinha de infinito pelo seu entusiasmo, pela sua disponibilidade, pela parceria.

Como mencionei no início deste relato, um dos encontros com **Simone Paulino** me marcou definitivamente e inspirou o título deste trabalho. Foi lido o conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa e o texto me capturou e me ligou novamente (depois de muito tempo) ao meu pai.

“A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, de verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos.” (ROSA, 1994, p. 410).

E depois, quando fui solicitada a escrever um texto a partir do que viesse à cabeça (e ao corpo, coração) depois da leitura, escrevi sobre meu pai. Foi difícil entrar em contato com histórias passadas, lembranças amassadas num cantinho dentro de mim, sentimentos e percepções. Resgatei algumas para escrever um texto autobiográfico e libertador, revelador da minha história. As palavras foram saindo da alma para a folha, de forma autêntica, intensa, verdadeira. Terceira margem...lugar que não é racional, mas também não é irracional. Com certeza, o lugar da minha alma.

Vida. Morte. Despedida. Família. Ausência. Luto. Terceira margem.

A aula, quase no finalzinho do curso, com **Alexandre Rampazo**, autor (em parceria com Pablo Lugones) de um dos meus livros preferidos “O Passeio”, foi uma terceira margem. Contribuiu para isso a presença do pequeno Matias, de 7 anos, filho da Ana Carolina, colega da pós. A postura do menino numa aula à noite, só com adultos, sempre atento e compenetrado foi encantadora. Ele conhecia e amava o livro “Pinóquio – o Livro das Pequenas Verdades”, do Rampazo e estar na presença do autor foi mágico para ele. Se para mim já era mágico, imagina para ele! A curiosidade e o interesse do Matias iluminavam a aula.

E ouvir Rampazo falar que a vida tem histórias, basta olhar de uma outra forma, um olhar diferente para a mesma coisa; que das coisas nascem as coisas, basta ficar atento aos “ruídos” que estão à sua volta, foi inspirador!

A Casa Tombada foi para mim um lugar para minha alma. Ou encontro de almas, já que A Casa tem alma expressada, concretizada nos espaços, no acolhimento, nas cores, nas pessoas, nas prosas, aulas, encontros. Tem poesia.

*“Uma ocasião,
Meu pai pintou a casa toda
De um alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos
Numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.”¹²*

¹²PRADO, Adélia. *Impressionista. In: Bagagem*. São Paulo: Siciliano. 1976, p. 36.

É isso, A Casa Tombada é como um amanhecer constante, uma luz que aquece e ilumina, que convida a conhecer, refletir, agir. Plena de encontros, histórias, ideias, trocas e partilha, conhecimento vivo. Permanentemente em construção.

Lembro da emoção que senti ao ver os dois imensos corações instalados no terraço, como se representassem meu coração, antes e depois, reflorestado. Coração!!! Ou meu coração ligado a tantos corações d'A Casa.



Karen Dolorez, 2017. Instalação de crochê em parede

Das sensações e sentimentos, das conversas, das descobertas, do(s) desassossego(s), do coração acelerado, do abraço apertado. Tudo ficou gravado em mim.

E quando chegou, em final de novembro de 2020, o e-mail carta com a notícia de que A Casa física não mais existiria (pelo menos naquele imóvel e lugar) senti uma tristeza grande, mas também uma paz. A Casa, aquela Casa, estava dentro de mim,

habitava em mim! E depois de mais de um mês, escrevi uma resposta à Ângela e ao Giuliano falando como tinha sido um privilégio ter conhecido, ter participado e vivido por mais de dois anos n'A Casa! Uma verdadeira experiência (ah, Larrosa!) que me marcou...um lugar para minha alma, a terceira margem do (meu) rio.

E que vai continuar, em outro espaço e lugar, a ser morada de histórias, conhecimento, convivência e afeto.

E o **Val** e sua simpática e calorosa acolhida também ficaram no meu coração. Ao abrir o portão d'A Casa sorrindo, ao ficar, às vezes, na porta da sala olhando a aula, ao fotografar a turma no final dos módulos e nos momentos de celebração e festa, enfim, sua presença ficou como pedrinha de infinito.

vida vida vida morte vida morte vida

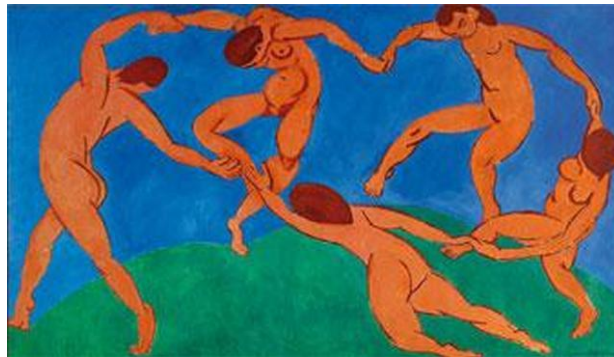
morte morte vida vida morte morte vida

amizade perda experiencia alma

Pedrinhas de infinito...

Pós n'A Casa Tombada...

A turma 5...



A Dança. Matisse (1910)¹³

Ao iniciar o curso em 2018 não imaginava que formaríamos um grupo tão forte e harmonioso. Naquele ano, nos unimos a outro grupo, de cinco alunas de uma turma anterior (Vilma, Gladis, Aline, Taís, Bruna) e que muito contribuíram com seus saberes e jeitos de ser. Ao longo das aulas, nos intervalos para um lanche/café, depoimentos, discussões, fomos nos conhecendo, nos descobrindo, nos revelando, nos gostando. E, ao final do ano, o amigo secreto de livros da turma foi uma celebração da alegria, partilha e afeto.

¹³ MATISSE, Henri. A Dança, 1910. Óleo sobre tela.

Em 2019 seguimos sem esse pequeno grupo (a Vilma, que se descobriu escritora talentosa, ainda continuou com a turma em vários encontros) e foi para mim triste me despedir delas. Uma preciosa pedrinha de infinito. Fui me acostumando à nova configuração do grupo, ao mesmo tempo em que se aprofundava e se solidificava nossa relação. Quantos momentos preciosos pude(mos) experimentar! E ao definir este relato, convidei cada uma a contribuir, contando sua preciosa pedrinha de infinito da nossa experiência na pós (Apêndice 2).



Bordado em tecido – Tatiana Yukie

Nem todas puderam participar, mas a seguir transcrevo alguns trechos das contribuições.

A da Ligia, que conhece muito e ama livros, pessoa de uma delicadeza encantadora, sobre o amigo secreto mencionado acima me emocionou:

“No final do 1º ano de curso a turma decidiu fazer um amigo secreto. Novidade? Não, é o habitual em qualquer lugar socialmente ‘normal’. A grande novidade foi eu aceitar participar, pois nunca suportei amigo secreto. Se há um trauma do passado ou se eu simplesmente não gosto da brincadeira por não considerá-la uma exposição sincera, não importa. O fato é que eu raramente participo e quando encaro, vou com estranheza. Mas para minha surpresa, dessa vez isso não me incomodou. Foi um convite bem-vindo ao meu coração e que se tornou muito especial e marcante. A entrega do amigo secreto foi quase uma terapia em grupo, você se lembra? Não havia ali somente a vontade de fazer a entrega de um presente escolhido a dedo. Era mais que isso. Criou-se um clima de intimidade sincera, quase cardíaca. [...] ...não dormi direito porque me sentia pequena demais para absorver tanta imensidão.”

A da Tatiana, talentosa e sensível artista, veio por carta e com este lindo e significativo coração bordado, que reproduzi acima:

“Pesquisei na memória dois momentos, o dia que nos apresentou aquela professora de artes, que deixava as crianças fazerem o que quisessem, em que a aula era uma farrá, ah! professora Andréia. Que alegria me identificar com ela, gosto tanto de certas pessoas que o adeus é difícil de se dizer e saio correndo assustada, contudo, com certeza, preciosas pedrinhas foram cravadas no meu coração , A-N-D-R-É-I-A pulsa. [...] ...termino esta carta lembrando das nossas conversas regadas de chás, cafés, bolos, biscoitos de polvilho, pães e coxinhas, estes eram os momentos mais valiosos que me enchiam a alma, estar junto a vocês era e é, “uma preciosa pedrinha de infinito”.

A contribuição da Laiza, uma pesquisadora nata e professora inteligente, sensível e talentosa, fala d’A Casa:

“Eu tinha a garganta seca, mesmo cheia de água na boca. Dei de conta que não sabia exatamente porque salivava. Dei de conta que não tinham nome meus desejos. Foi desse jeito que pisei os pés n’ A Casa. Foi quando a Cris leu para todas as mulheres que estavam naquela noite de mãos suadas. Me aconteceu dentro que percebi que buscava encontrar minhas perguntas. Meu primeiro desejo se revelou na minha palavra. O primeiro encontro deu-me a primeira pedrinha de infinito: Quais são as minhas perguntas? Foi preciso zelar por esse tesouro apurando os ouvidos todos. Nem sabia eu da riqueza que gerava no contorcer do meu estômago. Porque as palavras que molham minhas mãos, não se originam na cabeça, mas no estômago. Dei graças com a alma em festa, havia mais do que sopa, havia pães, havia histórias, havia mistério,

havia muitos pares de pés procurando descanso e companhia para novas partidas, havia palavra, silêncio, gargalhada, silêncio, choro, consolo. Nossa casa em nós. Na travessia de cada rio, nossa terceira margem.”

E a da Jaque, cuja formação é em administração de empresas, e também mãe que curte ser mãe, e que se encontrou na magia dos livros que as filhas liam e nos descobertos no curso, menciona A Casa e nosso grupo:

“Uma carta sobre uma preciosa pedrinha de infinito, observada durante as experiências que tivemos juntas numa Casa que tombou revelando-nos uma a outra, uma Casa que abriu espaços e tempos dentro de nós, ao habitarmos os espaços e tempos dela...São tantas pedrinhas minúsculas, umas sobre as outras, num infinito encaixar-se e desencaixar-se, nuns infinitos tempos internos, nuns infinitos infinitos...”

A da Ana, jornalista talentosa e mãe sensível, pessoa que por si só é pedrinha de infinito, fala lindamente d'A Casa, das pessoas, dos momentos e livros:

“Mas nos nossos meses todos na Casa, fui descobrindo que lá havia muito mais do que literatura e crianças. Tive o privilégio de perceber que há rara beleza capaz de se tornar pedrinhas do infinito numa Casa que para mim sempre foi mágica. Um pezinho de manjerição me cumprimentava assim que eu tocava a campainha. As cadeiras em círculo conseguiam me abraçar numa acolhida calorosa antes da aula começar, os escritos no vidro do café pareciam ler meus pensamentos e sempre falavam a coisa certa na hora certa. E tinha gente. Gente de verdade: que sabia ouvir, que sabia olhar outras gentes assim, só olhar e apreciar. Só ouvir, sentir, ainda que inquietação ou comoção, mas transcender. E tinha você. E tinha a Laiza. E tinha a Jaque. A Mique. A Lígia. A Ju. A Tati e a Tamíris. A Cris. Tinha a gente.

Era tanta gente diferente de mim: gente que escrevia, que desenhava, que falava poesia, que sabia tudo sobre Monteiro Lobato e outras gentes que eu nem sabia quem eram. E foi ali que eu pude garimpar tantas preciosidades. Ali, eu parava, eu conseguia respirar, eu voltava para um lugar só meu que às vezes esquecia que ele existia, eu ouvia histórias e era tão provocada por elas que depois perdia o sono. Fui construindo, com tantas pedrinhas do infinito, uma Casa dentro de mim. Como a minha casa na praia.

Quando eu li o e-mail do Giu e da Ângela sobre o fim dessa Casa, eu chorei sem saber direito o porquê. Passei aquele dia meio esquisita, triste. Depois abri a minha caixinha de jóias: a sua amizade, o cuidado da Jaque comigo, a companhia da Laiza, a aula do Alê Rampazo com o Matias, a sabedoria da Luiza, a astúcia da Suzana, os aniversários no café, os

comentários da Lígia e da Day, o Olavo, o Aqui Bem Perto, o Menina Amarrotada, o Colecionador de Chuvas, o Achados e Perdidos, os Grimm, o Rosa, o Larrosa. Tanta gente, tanto livro. Tantas pedrinhas do infinito”.

Esses depoimentos revelam como as experiências vividas n’A Casa, no nosso grupo, nos acontecimentos que ressoaram em cada uma (e em todas), foram significativas e nos marcaram como pedrinhas de infinito.

E por fim os **áudios da Babi**, também da turma 5, no nosso grupo de Whatsapp durante a nossa forçada quarentena mundial por conta da pandemia do novo Coronavírus, se constituíram numa terceira margem que nos confortou, iluminou, aqueceu.

Todos os dias, por mais de três meses, pela manhã, ela postava um pequeno áudio com poemas, trechos de livros, letras de música. Clarice Lispector, Jorge Amado, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, Mario Quintana, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Marina Colasanti, Carolina de Jesus, Alice Ruiz e muitos outros se sucediam, enchendo nossas manhãs de beleza, emoção, esperança...pequenos milagres.

*“Mas se apesar de banal
Chorar for inevitável
Sinta o gosto do sal do sal do sal
Sinta o gosto do sal
Gota a gota, uma a uma
Duas três dez cem mil lágrimas sinta o milagre
A cada mil lágrimas sai um milagre”¹⁴*

¹⁴ Alice Ruiz, *Milágrimas*.

Pedrinhas de infinito...

Pós n'A Casa Tombada...

Guardar...

Foi uma grande e desafiadora travessia. Travessia de alma, corpo, coração. Muitas experiências, muitas pedrinhas de infinito, que se constituíram em uma terceira margem. Momentos preciosos, guardados no meu coração reflorestado. Ter tido ao meu lado este grupo, estas pessoas e acontecimentos que me tocaram, ampliou meu rio e me enriqueceu. Uma caminhada ao mesmo tempo solitária e solidária. Por isso esse relato...para serem registrados os acontecimentos preciosos, para serem guardados.

“Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela. Por isso, melhor se guarda o voo de um pássaro Do que de um pássaro sem voos. [...] Por guardar-se o que se quer guardar.”¹⁵

¹⁵CÍCERO, Antônio. *Guardar. In: Guardar – Poemas Escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Referências Bibliográficas

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1ª Ed. 4ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MATURANA, Humberto, Varela, Fernando. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Atena, 2001.

MATURANA, Humberto, PAREDES, Victor, MAGRO, Cristina. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

ROSA, João Guimarães. **“A terceira margem do rio”**. In: *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

Apêndice 1 – A Terceira Margem do Rio (Guimarães Rosa)

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. Estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, Tassos Lycurgo www.lycurgo.org ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longo, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha

e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In: _____. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413. A Terceira Margem do Rio João Guimarães Rosa

Apêndice 2 – E-mail-convite à turma 5

Amigas queridas,

Espero que cada uma esteja bem!

Estou elaborando e escrevendo meu trabalho e gostaria que vocês estivessem comigo de alguma forma, já que fazem parte da minha travessia. É um relato das experiências preciosas que tive ao longo dos dois anos na pós e também dos momentos marcantes como contadora de histórias no Hospital Menino Jesus.

O título do meu trabalho é A terceira margem do rio: o lugar da (minha) alma – Histórias da travessia.

"Onde se encontra a beleza? Nas grandes coisas que, como as outras, estão condenadas a morrer, ou nas pequenas que, sem nada pretender, sabem incrustar no instante uma preciosa pedrinha de infinito? Muriel Barbery (in A Elegância do Ouriço)

Topam participar um pouquinho da construção desta terceira margem? Convido cada uma a se inspirar no trecho acima e fazer um depoimento, um pequeno relato, de uma pedrinha preciosa do nosso (per)curso, de uma aula, do tempo juntas, de um momento marcante para cada uma n'A Casa. Uma experiência (como esquecer Larrosa!)...

Quem se dispuser a contribuir, pode enviar por email (atocris@terra.com.br), por carta (Al. Campinas, 1493 /apto.122 – CEP 01404-002), no formato que cada uma se sentir confortável.

Se vocês toparem vai ser muito legal ter a marca de cada uma na terceira margem do meu rio!

Desde já, obrigada!

Abraço apertado,

Adília